

O USO DE TÉCNICAS VOCAIS COMO RECURSOS RETÓRICOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO

Maria Ignez de Lima PEDROSO¹

RESUMO: As técnicas vocais são um conjunto de procedimentos facilitadores da voz que podem interferir na qualidade vocal dos sujeitos. O conhecimento atualizado, desses procedimentos, por meio de um estudo linguístico-discursivo é imprescindível para a atuação em Fonoaudiologia Estética, que pode abranger em seus trabalhos a oratória. Esses fatores motivaram-me, primeiramente, a fazer um levantamento bibliográfico sobre as técnicas vocais para os diversos profissionais da voz falada e cantada, estudo que possibilitou a organização de uma coletânea das principais técnicas pesquisadas. Tomando essa pesquisa como ponto de partida, neste trabalho, minha proposta é apresentar uma reflexão e discussão focadas no uso das técnicas relacionadas, principalmente, à ação harmônica da conduta fonatória, que estão fundamentadas nos seguintes aspectos: relaxamento, respiração, articulação, projeção, flexibilidade vocal. Nessa discussão, saliento a importância da voz e de vários componentes linguísticos da dinâmica vocal (frequência, intensidade, entonação, ritmo e velocidade de fala, entre outros elementos prosódicos) que, nos processos dialógico-argumentativos da oratória, funcionam como recursos persuasivos e de veridicção na construção do discurso de diversos profissionais da voz falada, tais como advogados, professores, pastores, vendedores, locutores e repórteres, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Retórica. Interação Verbal. Prosódia. Técnicas Vocais. Voz Profissional.

¹ Grupo de Pesquisa Práticas de Leitura e Escrita em Português Língua Materna, DLCV, FFLCH, USP e Secretaria Municipal da Saúde de Votuporanga, SP, Brasil. mi.lima@terra.com.br

Introdução

Durante muito tempo se tem falado das técnicas vocais como abordagens facilitadoras da voz. Sabe-se que os primeiros livros de exercícios de voz datam do século XVI. De acordo com pesquisa bibliográfica realizada em trabalho anterior, Pedroso (2000), a maioria dessas técnicas está relacionada à ação harmônica da conduta fonatória, que se baseia nos seguintes aspectos: relaxamento, respiração, articulação, projeção e flexibilidade vocal. Frequentemente utilizadas dentro do campo de atuação da Fonoaudiologia². Partindo dessa pesquisa, no presente trabalho, interessam-me, sobretudo, as técnicas vocais utilizadas pela Fonoaudiologia para o aperfeiçoamento em relação a aspectos envolvidos na voz e na linguagem oral, ou seja, as técnicas vocais usadas pela Fonoaudiologia Estética, que pode abranger, em sua atuação, com profissionais da voz falada³, além dos conhecimentos linguísticos relacionados à prosódia e à dinâmica vocal, também conhecimentos teórico-práticos da oratória, arte de falar bem publicamente.

Portanto, para que possa demonstrar e discutir o uso de técnicas vocais como recursos retóricos na construção do discurso, adoto o princípio dialógico da linguagem, conforme Bakhtin (2000), fundamento-me nos estudos discursivos de Foucault (1999) e nos estudos sobre a retórica grega, especificamente, sobre um dos seus componentes, a oratória, procurando destacar as possíveis relações entre essas concepções teóricas e algumas pesquisas realizadas no campo da Linguística e da Fonoaudiologia Estética.

Apesar do uso frequente das técnicas vocais na Fonoaudiologia, até o momento, são raros os autores da literatura fonoaudiológica, especificamente da

² “A Fonoaudiologia é a ciência que tem como objeto de estudo a comunicação humana, no que se refere ao seu desenvolvimento, aperfeiçoamento, distúrbios e diferenças, em relação aos aspectos envolvidos na função auditiva periférica e central, na função vestibular, na função cognitiva, na linguagem oral e escrita, na fala, na fluência, na voz, nas funções orofaciais e na deglutição”, segundo texto aprovado pelo Plenário do Conselho Federal de Fonoaudiologia durante a 78ª SPO, realizada nos dias 06 e 07 de março de 2004.

³ Na Fonoaudiologia, Ferreira e Souza (2000, p. 2), em seus estudos, consideram “profissional da voz falada o indivíduo que, para exercer a profissão, depende de sua voz, sendo esta seu instrumento de trabalho”. Ferreira (1995), anteriormente, já havia proposto uma divisão em que esses profissionais pudessem ser classificados do seguinte modo: “profissionais da arte (dentre eles, cantores (erudito, popular, coral e religioso), atores (teatro, circo e televisão) e dubladores); profissionais da comunicação (locutores, repórteres (televisão e rádio) e telefonistas); profissionais da educação (professores de diferentes áreas e graus, padres, pastores e fonoaudiólogos); profissionais de marketing (operadores, vendedores, leiloeiros, camelôs, políticos, entre outros); profissionais do setor da indústria e comércio (diretores, gerentes, encarregados de seção, supervisores, entre outros) e profissionais do judiciário (advogados promotores e juízes)”.

Fonoaudiologia Estética, que têm se preocupado em conceber, em teorias de bases discursivas, a utilização dessas técnicas como recursos retóricos do discurso. Do reduzido número de publicações nessa área, destacam-se as pesquisas realizadas por Gonçalves (2000) e por Lopes (2000).

Nesse panorama, no qual ainda são escassas as reflexões e investigações linguístico-discursivas, acredito que esse estudo poderá contribuir especificamente para o estabelecimento de um diálogo entre as áreas da Fonoaudiologia e da Linguística.

Concepções teóricas

Para Bakhtin (2000), a linguagem se fundamenta no dialogismo, desse modo, ela é vista como prática sócio-histórica de interação verbal e manifesta a heterogeneidade do sujeito e dos discursos que o constituem. Certamente, a abrangência dessa visão desperta grande interesse entre os pesquisadores no campo das Ciências Humanas, mas, também entre os fonoaudiólogos que se dedicam aos estudos linguísticos e que priorizam a linguagem em seus contextos de atuação profissional, atentando-se à relação sujeito/linguagem.

Em seus estudos, esse filósofo da linguagem, além de descrever os elementos linguísticos da enunciação, também valoriza os elementos extralinguísticos e estéticos da criação verbal presentes na interação, uma vez que, segundo o que propõe, *o enunciado, a unidade real da comunicação verbal*, é sempre produzido num contexto ideológico preciso. Desse modo, o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto social, pela relação dialógica entre os sujeitos e os discursos que os constituem.

Sendo assim:

A utilização da língua efetua-se, em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Portanto, o *estilo* (seleção dos recursos linguísticos feita pelo locutor) está constitutivamente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, que Bakhtin denomina “gêneros do discurso que, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2000, p. 321).

Especificamente, para a proposta deste trabalho, vale ressaltar que na seleção de recursos linguísticos feita por um locutor (autor), ele poderá incluir o uso de técnicas vocais como elementos retóricos dos enunciados que constituirão o seu discurso. Como, por exemplo, o uso das técnicas vocais de acentuação, nas quais o sujeito é orientado a acentuar (ênfatar) uma das palavras do enunciado por meio de variações tonais, mudanças de duração e de intensidade em sua voz ou na velocidade de sua fala para chamar a atenção de um determinado auditório para um tema específico. Pode-se vincular essa técnica ao que Bakhtin denomina *entonação expressiva*, se ela for vista como um recurso que expressa a relação valorativa que o locutor estabelece com o enunciado e com o seu destinatário, pois:

As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado [...] Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. (BAKHTIN, 2000, p. 317-321)

Desse modo, segundo Bakhtin, para que se possa compreender a *expressividade* de uma palavra ou de um discurso qualquer, é necessário o conhecimento e um estudo mais aprofundado e extenso da *natureza do enunciado* em geral e dos vários tipos de enunciados em particular, isto é, dos *gêneros do discurso*, primários e secundários, pois,

a palavra, enquanto unidade da língua, é neutra, isto é, não comporta um juízo de valor e está a serviço de qualquer locutor. A partir do momento em que é proferida com uma entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado completo. (2000, p. 309)

De acordo com sua concepção filosófica-linguística:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua [...] Uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o *todo* do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um elo inalienável. (BAKHTIN, 2000, p. 282-326)

Essas concepções de Bakhtin (2000) podem enriquecer muito o embasamento teórico da Fonoaudiologia Estética destinada ao aperfeiçoamento vocal de

profissionais da voz falada. Pois, para os fonoaudiólogos, que podem compartilhar das idéias desse pesquisador, fica evidente a necessidade de se considerar prioritariamente o sujeito (locutor) e a relação valorativa que ele estabelece com os enunciados e com os seus destinatários em determinados contextos sociais. Desse modo, o treino e o uso de diversas técnicas vocais pode ser visto não apenas como um trabalho de instrumentalização mecânica na construção do discurso, mas, sobretudo, como um aprendizado que adquire sentido para o sujeito, isto é, um aprendizado de enunciados (técnicas) relacionado à utilização e ao domínio dos *gêneros retóricos da oratória* (BAKHTIN, 2000, p. 280-281), gêneros secundários que se caracterizam pela persuasão e aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa.

Pensando no contexto de atuação do fonoaudiólogo junto aos profissionais da voz falada, assim como nos diversos contextos de atuação de cada um desses profissionais, são valiosos, também, os estudos de Foucault (1999) sobre o discurso, uma vez que o autor, ao determinar as condições de funcionamento dos discursos, propõe o conceito de *ritual* como procedimento de sujeição que pode ser observado em diferentes lugares, entre eles, nos discursos terapêuticos, religiosos, judiciários e políticos. Portanto, para que possa estar cada vez mais qualificado a realizar os seus trabalhos discursivo-terapêuticos é interessante que o fonoaudiólogo tenha acesso às ideias desse pesquisador.

Para Foucault:

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início qualificado para fazê-lo. [...] O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado), define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos [sentidos] que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (1999, p. 39)

Por sua formação acadêmica, o fonoaudiólogo possui um lugar na sociedade que lhe confere determinadas qualificações. Dentre elas, ser também um profissional da voz falada e estar autorizado a realizar um acompanhamento não clínico com pessoas interessadas em obter aperfeiçoamento vocal por meio da aprendizagem e do uso de diversas técnicas vocais estudadas no campo da Fonoaudiologia. Desse modo, a Fonoaudiologia Estética poderia *se inscrever em certo horizonte teórico de uma disciplina* e, para Foucault, a *disciplina* também é um princípio de controle da produção do discurso, pois “ela lhe fixa os limites

pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1999, p. 36).

Ainda de acordo com Foucault:

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (1999, p. 10)

Portanto, o fonoaudiólogo tanto quanto os demais profissionais da voz falada com os quais realiza trabalhos de estética vocal, possui o *objeto do desejo*, de poder, que o discurso confere a quem o profere, principalmente, se é proferido com persuasão, ou seja, capaz de conduzir o auditório (destinatários) a agir de um determinado modo. Assim, um advogado ao preparar uma defesa, um professor ao preparar um curso, um radialista ao fazer a locução de um comercial, todos deverão possuir conhecimentos sobre o assunto a ser discutido e sobre o seu auditório. Quanto ao fonoaudiólogo, em sua atuação estética com qualquer um desses profissionais, além de necessitar das informações específicas do contexto social dessas pessoas, também deverá conhecer, saber abordar e utilizar ao máximo algumas das diversas técnicas vocais relacionadas à ação harmônica da conduta fonatória, principalmente, aquelas relacionadas à oratória, adaptando-as em função das condições e necessidades de cada indivíduo e profissão.

Retórica e Oratória

A Oratória, como a arte de falar bem em público, como um conjunto de regras e de técnicas que permitem apurar as qualidades pessoais de quem se destina a falar em público, confunde-se com a Retórica em certo sentido. Na Grécia Antiga, a Oratória era estudada como componente da Retórica (composição e apresentação dos discursos), e era considerada uma importante habilidade na vida pública e privada. Aristóteles e Quintiliano estão entre os mais conhecidos autores sobre o tema na antiguidade.

Segundo Voilquin e Capelle (1964), em sua introdução ao livro *Arte retórica e arte poética*, Aristóteles, como filósofo grego e espírito universal que era, tratou de todas as matérias conhecidas em seu tempo, inclusive da Retórica, tendo se tornado o discípulo predileto de Platão, no período entre 428-348 a.C.

Na citação abaixo, segue a definição da retórica formulada por Aristóteles:

Assentemos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; por exemplo, a medicina, sobre o que interessa à saúde e à doença [...] o mesmo acontece com outras artes e ciências. Mas a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir. (1964, p. 22)

Depois de ter assentado esta base sólida, Aristóteles (VOILQUIN, J.; CAPELLE, J. 1964) aplicou-se a discriminar as analogias e as diferenças entre a Retórica e a Dialética, considerando nem uma, nem outra como disciplinas especiais, visto que ambas tratam de questões que, de algum modo, são da competência comum de todos os homens sem pertencerem ao domínio de uma ciência determinada. Na *Arte retórica*, o filósofo estuda detalhadamente a arte dos discursos que auxiliam o trabalho do homem público (juiz, participante da assembleia, ou aquele que dela se serve para elogiar ou censurar).

Sabemos, portanto, que a retórica, como teoria da comunicação persuasiva, desde a antiguidade, suscitou um interesse crescente entre os cientistas e os filósofos, assim como grandes polêmicas, principalmente, com relação ao tratamento descuidado que os sofistas davam ao tema.

Também em nosso tempo, segundo Perelman (1993), durante algumas décadas do século XX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, essa arte passou a ser controvertida e menosprezada, pois pouco se beneficiava da comunidade universitária. Mas, o autor relata que esse panorama parece ter se modificado e, atualmente, houve uma reabilitação da Retórica, que ele passa a identificar como uma *teoria geral da argumentação*.

Desse modo, o autor considera que:

A teoria da argumentação concebida como uma nova retórica (ou uma nova dialética) cobre todo o campo do discurso que visa convencer ou persuadir, seja qual for o auditório a que se dirige e a matéria a que se refere. [...] Identificando esta com a teoria geral do discurso persuasivo, que visa ganhar a adesão, tanto intelectual como emotiva, de um auditório, seja ele qual for, afirmamos que todo o discurso que não aspira uma validade impessoal depende da retórica. Desde que uma comunicação tenda a influenciar uma ou várias pessoas, a orientar os seus pensamentos, a excitar ou apaziguar as emoções, a dirigir uma ação, ela é do domínio da retórica (PERELMAN, 1993, p. 172).

Mais recentemente, Reboul (1998) apresenta uma síntese detalhada sobre o sistema retórico formulado por Aristóteles. A seguir, são apresentados os principais tópicos encontrados nessa síntese pertinentes à proposta do presente trabalho.

Na descrição do sistema retórico, Reboul apresenta uma classificação que representa as partes (fases) que compõem um discurso, as quais devem ser conhecidas por todos interessados na Oratória. São elas:

- (1) A Invenção (heurésis, em grego): a busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso;
- (2) A Disposição (taxis): a ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, isto é, um plano que contém as suas partes. As mais clássicas são: o exórdio, a narração, a confirmação e a peroração;
- (3) A Elocução (léxis): que não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso, ao estilo, o ponto em que a retórica encontra a literatura;
- (4) A Ação (hypocrisis): a proferição efetiva do discurso, com tudo o que ele pode implicar em termos de efeitos de voz, mímicas e gestos.

(cf. REBOUL, 1998, p. 44-67)

O autor salienta, entretanto, que antes de empreender um discurso, é preciso estar informado sobre o assunto a ser tratado e o gênero que convém a ele. Desse modo, segundo os antigos, são três os gêneros do discurso na oratória: *o judiciário, o deliberativo e o epidíctico*. Reboul, fundamentado em Aristóteles, esclarece que são três, porque há três tipos de auditório e é a necessidade de adaptar-se a eles que determina as características específicas a cada gênero.

Atualmente, há também tantos outros tipos de discursos persuasivos. Mas, para Reboul (1998, p. 47), “Aristóteles teve o mérito de mostrar que os discursos podem ser classificados segundo o auditório e segundo a finalidade”. O quadro seguinte sintetiza a tipologia proposta em Reboul (1998, p. 47):

Gêneros	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado (fatos por julgar)	Acusar Defender	Justo Injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidíctico	Espectador	Presente	Louvar Censurar	Nobre Vil	Amplificação

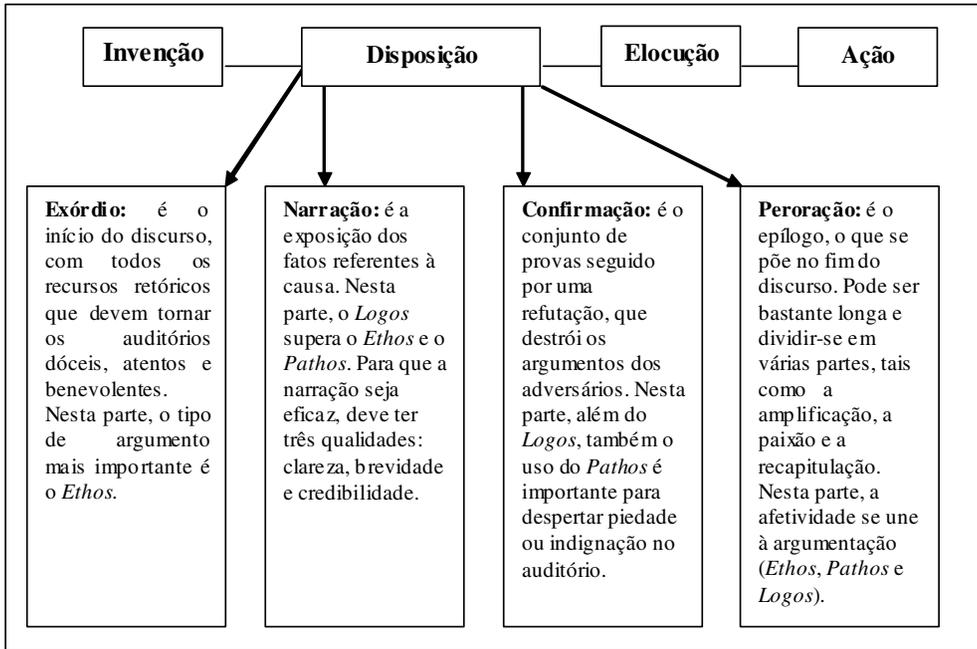
Quadro 1: Os três gêneros do discurso

Dando sequência à síntese a que se propôs, Reboul (1998) comenta que, após a determinação do gênero, o orador deve buscar argumentos, no sentido de encontrar recursos persuasivos, e descreve três tipos de argumentos definidos por Aristóteles:

- (1) *Ethos*: de ordem afetiva, é definido como o caráter moral que o orador deve assumir (deve parecer ter, mesmo que não o tenha) para inspirar confiança no auditório, para preencher as condições mínimas de credibilidade mostrando-se sensato, sincero e simpático, de acordo com as expectativas do público com quem estiver falando, cujas expectativas variam segundo a idade, a competência, o nível social etc;
- (2) *Pathos*: também de ordem afetiva, é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com o seu discurso, ou seja, o caráter psicológico dos diferentes públicos, aos quais o orador deve adaptar-se (para tanto, precisa conhecer a psicologia das diversas paixões: cólera, medo, piedade, entre outras);
- (3) *Logos*: de ordem racional, diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.

Na construção do discurso retórico, todos esses argumentos deverão ser considerados pelo orador, principalmente, no momento da *Disposição (taxis)*, que consiste em um lugar, em um plano-tipo ao qual se recorre para a organização do discurso.

No quadro a seguir, podemos observar um esboço das estruturas mais clássicas que constituem o discurso, de acordo com Reboul (1998). Mais adiante, elas serão incorporadas às técnicas vocais vistas nesse trabalho como recursos retóricos na construção do discurso.



Quadro 2: O Discurso e as suas partes

A voz e a prosódia na construção do discurso

Com relação à voz na construção do discurso, é importante saber que, de qualquer modo, conscientes ou não, influenciamos com nossas vozes e somos influenciados pelas vozes das pessoas com quem interagimos. Portanto, certamente, ela é um dos mais significativos recursos de persuasão.

Desde o nascimento, a voz é o resultado da combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, constituindo-se num poderoso recurso de interação do sujeito nos seus diversos contextos sócio-históricos, pois é um dos mais complexos modos de comunicação.

Existem vários outros modos de comunicação, realizados através do olhar, dos gestos, da expressão corporal, da expressão facial e da fala. A voz, entretanto, é responsável por carregar e fornecer informações significativas (prosódicas) com relação às três dimensões pessoais: a biológica (dados físicos básicos tais como o sexo, a idade e as condições de saúde), a psicológica (características básicas da personalidade e do estado emocional do sujeito) e a sócio-histórica (dados sobre os grupos sociais e profissionais a que pertencemos).

Behlau e Pontes descrevem os processos básicos para a produção da voz e da fala. São eles:

- (1) Para emitirmos a voz e a fala nosso cérebro dispara o comando central, que chega em nossa laringe e nos articuladores dos sons da fala através de nervos específicos.
 - (2) Inicialmente precisamos inspirar ar, ou seja, colocar o ar para dentro dos pulmões; para tanto, as pregas vocais [duas dobras formadas por músculos e mucosa, em posição horizontal dentro da laringe] devem estar afastadas;
 - (3) Ao emitirmos a voz, as pregas vocais aproximam-se entre si, com tensão adequada, controlando e bloqueando a saída de ar dos pulmões;
 - (4) O ar coloca em vibração as pregas vocais, que realizam ciclos vibratórios que se repetem rapidamente; quanto mais agudo o som, mais rapidamente os ciclos se repetem;
 - (5) As caixas de ressonância [laringe, faringe, boca, nariz e seios paranasais que funcionam como um alto-falante natural da fonação] devem estar ajustadas para facilitar a amplificar a saída do som pela boca;
 - (6) Os articuladores, ou seja, os lábios, a língua, a mandíbula e os dentes, devem se posicionar de modo adequado ao som da fala a ser emitido.
- (cf. BEHLAU; PONTES 1999, p. 9)

Esses autores relatam que a voz é uma espécie de *impressão digital* que permite a identificação das pessoas por uma simples gravação, como acontece nos casos de sequestros e ameaças. Por outro lado, ela muda constantemente, pois é uma das projeções mais intensas da nossa personalidade, uma representação muito forte do que somos e do modo como nos comportamos no mundo. Portanto, todos somos capazes de produzir vários tipos de vozes, o que é um bom indício de saúde vocal e psicológica, pois significa que podemos realizar diferentes ajustes fisiológicos e que podemos estar sintonizados com o nosso interlocutor.

Esta grande flexibilidade da voz é um dos principais incentivos para o treinamento vocal, pois sabemos que é possível modificar e aperfeiçoar a qualidade vocal por meio de técnicas vocais apropriadas às pessoas interessadas em empreender esse processo de aprendizagem.

Na atuação fonoaudiológica com profissionais da voz falada, que desejam realizar um aperfeiçoamento vocal, antes de tudo, é de extrema importância a investigação de quanto a pessoa conhece sobre a sua própria voz, isto é, de quanto a qualidade de sua voz se deve às suas características anatômicas herdadas e o quanto se deve aos aspectos funcionais de sua emissão (de como usa os órgãos de seu aparelho fonador).

Assim, de acordo com Behlau e Pontes:

A psicodinâmica vocal é exatamente esse processo de leitura de vozes, onde auxiliamos o indivíduo a reconhecer os elementos de sua qualidade vocal que foram condicionados durante sua vida. Com esse trabalho, procuramos trazer ao consciente as informações contidas na qualidade vocal individual e os efeitos dessa voz sobre os ouvintes. (1999, p. 16)

Os autores recomendam ainda que:

[...] as impressões transmitidas por um tipo de voz devem ser sempre analisadas de acordo com a cultura a que um indivíduo pertence, e os parâmetros identificados nunca devem ser analisados isoladamente, mas sim em conjunto e na situação e contexto a que pertencem. (BEHLAU; PONTES, 1999, p. 16)

Desse modo, esses pesquisadores descrevem exemplos de parâmetros vocais e suas associações psicodinâmicas, os quais apresento a seguir.

Voz do Falante	Interpretação do ouvinte
Voz rouca	Cansaço, estresse, esgotamento
Voz soprosa	Fraqueza, mas também sensualidade
Voz comprimida	Caráter rígido, emissões contidas, esforço e necessidade de controle da situação
Voz monótona	Indivíduo monótono, repetitivo, chato e desinteressante
Voz trêmula	Sensibilidade, fragilidade, indecisão ou medo
Voz infantilizada	Ingenuidade ou falta de maturidade emocional
Voz nasal (fanhosa)	Limitação intelectual e física, falta de energia e inabilidade social
Voz grave (grossa)	Indivíduo enérgico e autoritário
Voz aguda (fina)	Indivíduo submisso, dependente, infantil ou frágil
Conversa em tons agudos	Clima alegre
Conversa em tons graves	Clima triste e melancólico
Pouca variação de tons na fala	Rigidez de caráter e controle das emoções

Varição rica de tons na fala	Alegria, satisfação e riqueza de sentimentos
Intensidade elevada (falar alto)	Franqueza, energia ou falta de educação
Intensidade reduzida (falar baixo)	Pouca experiência nas relações pessoais, timidez ou medo
Articulação definida dos sons da fala	Clareza de idéias, desejo de ser compreendido
Articulação imprecisa dos sons da fala	Dificuldade na organização mental ou desinteresse em comunicar-se
Articulação exagerada dos sons da fala	Sinal de narcisismo
Voz do falante	Interpretação do ouvinte
Velocidade lenta da fala	Falta de organização de idéias, lentidão de pensamento e atos
Velocidade elevada da fala	Ansiedade, falta de tempo ou tensão
Respiração calma e harmônica	Organismo equilibrado e mente calma
Respiração profunda e ritmada	Pessoas ativas e enérgicas
Ciclos respiratórios irregulares	Agitação e excitação

Quadro 3: Parâmetros vocais e suas associações psicodinâmicas
(adaptado por BEHLAU e PONTES, 1999)

Após a apresentação de algumas considerações fonoaudiológicas sobre a voz, a sua produção e os efeitos que diferentes tipos de vozes podem provocar no auditório, passo a discutir a importância da prosódia na construção do discurso.

Dos estudos linguísticos, destaco os seguintes dizeres:

É preciso recuperar a idéia de que linguagem é a união de significado e significante, idéias e sons da fala, tudo organizado em estruturas muito bem edificadas e, portanto, passíveis de uma descrição precisa e abrangente do fenômeno linguístico. A função básica dos elementos prosódicos na linguagem oral é a de realçar ou reduzir certas partes do discurso, para que daí resulte um mapeamento do discurso que mostra ao interlocutor como dar valor e importância a certos elementos e como tratar com menos importância outros elementos. [...] A prosódia comanda o valor que se deve atribuir a diferentes elementos do discurso, dando, por assim dizer, uma chave de interpretação. (CAGLIARI, 1992a, p. 46-47)

⁴ Essa noção de prosódia, o acesso à leitura e às discussões dos textos de Abercrombie (1967) e de Cagliari (1992a) foram obtidos no decorrer das aulas da disciplina *Escrita e Prosódia*, ministrada pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho, no Setor de Pós-Graduação do Departamento de Estudos Linguísticos da Unesp – São José do Rio Preto, no segundo semestre de 2000.

Abercrombie (1967) define os elementos prosódicos como aspectos vocais não segmentais, ou seja, como estratos da qualidade e da dinâmica vocal aos quais pode se atribuir significação linguística. A partir dessa definição, dos estudos de Cagliari e de comentários em aula feitos pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon⁴, podemos compreender que a prosódia se refere ao conjunto de todas as informações acústicas não segmentais que vêm das ondas sonoras e às quais podemos atribuir significação linguística.

A prosódia possui um valor fundamental na constituição dos sentidos do discurso, uma vez que sinaliza ao interlocutor como ele deve interpretar o que o falante diz, além de possuir um importante papel coesivo ao conectar e relacionar elementos distantes no discurso.

Na Fonética, Abercrombie (1967) descreve diversos elementos prosódicos, quando apresenta as características da qualidade e da dinâmica vocal. É o que especificamos a seguir.

Qualidade vocal: É determinada organicamente e fisiologicamente pelas estruturas laríngeas. A voz é considerada uma “marca registrada” de cada indivíduo, é o resultado da vibração das pregas vocais na laringe e seus efeitos vocais obtidos nas cavidades de ressonância. Vários fatores interferem na qualidade vocal:

- a) Fatores inatos: sexo, idade, constituição física;
- b) Fatores adquiridos: nível cultural, região geográfica, ajustes motores (musculares), hábitos vocais.

Dinâmica vocal: Consiste em parâmetros vocais geralmente adquiridos e, portanto, possíveis de imitação, servindo para caracterizar tanto grupos sociais quanto indivíduos. Os componentes típicos da dinâmica vocal são:

- *Altura (frequência/ pitch):* impressão auditiva da frequência com que o som é emitido pelo aparelho fonador (número de vibrações por segundo das pregas vocais). Classifica-se a altura em grave ou aguda, podendo-se medi-la em laboratório de acústica;
- *Intensidade (loudness):* efeito do som sobre o ouvido em termos de forte e fraco. Há três determinantes principais da intensidade: a força e a duração do fluxo aéreo na expiração, a força e a duração do fechamento glótico e os fatores conjugados dos ressonadores;

- *Tempo* (velocidade de fala): velocidade de fala (rápida/lenta). Depende de vários fatores, entre eles, o estilo de conversação, a ênfase desejada e o nível sociocultural do falante;
- *Continuidade* (pausas/emissões): incidência das pausas na conversação, ao modo como se concatenam momentos de silêncio com os momentos de fala;
- *Ritmo* (pulsação): recorrência de um fenômeno. Pode ser silábico ou acentual. No Português, como são os acentos que ocorrem em intervalos regulares, o ritmo é acentual. O ritmo se refere a contrastes, pulsação, alternâncias e depende da maneira como são utilizados os músculos respiratórios (torácicos) durante a expiração;
- *Tessitura* (extensão vocal/agudo e grave): deslocamentos da movimentação dos músculos da laringe de um indivíduo de seu tom mais grave para o seu tom mais agudo, que saem de sua zona de conforto vocal, associados especialmente a fatos textuais na oralidade;
- *Registro* (gênero): mudança circunstancial de qualidade vocal devido a diferentes ajustes musculares durante a fonação com propósito discursivo;
- *Flutuação tonal*: variações de frequência, deslocamentos de tessitura que propiciam unidades de informações linguísticas maiores. Estão incluídos na flutuação tonal:
 - o *Tom*: variações de frequência ligadas à informação lexical;
 - o *Entonação*: variações de frequência, em geral, dentro da zona de conforto vocal do indivíduo e associadas a informações sintáticas, textuais, pragmáticas e discursivas.

Ainda com relação à Fonética, Massini-Cagliari (1993) também apresenta uma pesquisa que investiga diversos parâmetros prosódicos com a finalidade de descobrir a natureza fonética do acento em português. O estudo dessa autora e, posteriormente, o estudo aprofundado sobre os *Domínios prosódicos do português no Brasil*, realizado por Tenani (2002), trazem conhecimentos linguísticos e contribuições muito valiosas para a Fonoaudiologia.

É importante salientar que nem sempre o falante tem consciência da importância dos elementos prosódicos componentes da dinâmica vocal e nem sempre consegue ajustar ou reajustar por si próprio alguns desses parâmetros.

Nestes casos, é de grande valia contar com a orientação de um fonoaudiólogo tanto para a modificação de hábitos prejudiciais ao uso satisfatório da voz quanto para o aprendizado de técnicas vocais. Vale ainda ressaltar que o conhecimento e a utilização de determinadas técnicas vocais, compostas por um ou mais elementos prosódicos, são imprescindíveis nos processos dialógicos argumentativos da oratória e na construção do discurso de todos os profissionais da voz falada, uma vez que a qualidade da voz atua poderosamente como um dos mais significativos recursos de persuasão no momento da proferição do discurso.

Técnicas vocais, objetivos e funções

De modo geral, as técnicas vocais são definidas como procedimentos facilitadores da voz que visam ao alinhamento corporal e ao relaxamento, à coordenação pneumofonoarticulatória e a liberação dos articuladores da fala e ressonadores, à melhora da intensidade e da qualidade vocal e, finalmente, o aumento da flexibilidade e da plasticidade vocal.

As técnicas são inúmeras e diversificadas, portanto, é sempre necessário realizarmos uma seleção das técnicas mais significativas para os nossos objetivos e propósitos.

Em trabalho anterior Pedroso (2000), por acreditar, naquele momento, principalmente, na importância do conhecimento e da atualização das técnicas vocais fisiologicamente mais equilibradas e que permitem um rendimento máximo e longevidade da voz como requisitos fundamentais para a atuação fonoaudiológica, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as principais técnicas vocais utilizadas na atuação fonoaudiológica destinada aos profissionais da voz falada e cantada. Desse modo, da coletânea descrita naquela pesquisa, selecionamos e adaptamos algumas das técnicas que consideramos pertinentes à proposta deste trabalho. São elas:

- (1) *Técnicas de relaxamento*: tem o objetivo de liberar tensões corporais excessivas. Por meio de alongamentos e de exercícios que promovem mudanças de postura, procura-se obter uma maior harmonia entre a comunicação oral e a comunicação corporal. São técnicas clássicas relacionadas ao trabalho vocal;
- (2) *Técnicas respiratórias*: são considerados exercícios psicofisiológicos que possibilitam o autodomínio do corpo para a satisfatória emissão da voz. Asseguram um fluxo contínuo de

inspiração e expiração, auxiliam na redução de tensões laríngeas e evitam o fechamento da glote antes da iniciação da fonação. Tem o objetivo de promover um maior controle do aumento de volume de ar e uma boa coordenação pneumofonoarticulatória;

- (3) *Técnicas de expressão corporal*: assim como as técnicas de relaxamento, as técnicas de expressão vocal favorecem a harmonia na interrelação corpo/voz e o processo integrativo e o desenvolvimento do potencial humano. Auxiliam o sujeito a identificar estados de hipercontração indesejáveis, aumentando a sua consciência corporal;
- (4) *Técnicas de articulação*: são movimentos articulatórios realizados pelos órgãos fono-articulatórios (lábios, língua, bochechas, mandíbula e musculatura faríngea e laríngea) com a finalidade de promover uma emissão vocal equilibrada e clareza da dicção. Entre elas são descritas: a técnica do estalo de língua associado ao som nasal, a técnica de rotação de língua no vestíbulo bucal, a técnica de vibração de lábios e de língua, entre outras;
- (5) *Técnicas mastigatórias*: são universais nos trabalhos relacionados à voz. São utilizadas para favorecer o equilíbrio da produção da voz, podendo modificar globalmente a qualidade vocal do sujeito;
- (6) *Técnicas de ressonância*: são sons produzidos em determinadas cavidades de ressonância do trato vocal que auxiliam na modulação vocal, modificando formantes da voz de acordo com a cavidade utilizada;
- (7) *Técnica de voz salmodiada*: esta técnica se baseia na produção de uma emissão semelhante a dos salmos (ditos ou cantados) nas igrejas. O recitativo de uma elocução encoraja um fluxo fonatório cômodo, reduzindo a tendência em direção a um ataque vocal brusco e com pressão glótica aumentada. A voz salmodiada (cantada) promove uma redução nas tensões dos tratos laríngeo e vocal;
- (8) *Técnicas de projeção vocal*: dependem da força e da duração do fluxo aéreo na expiração, da força e da duração do fechamento glótico e dos fatores conjugados das cavidades de resso-

nância. Todos esses aspectos são responsáveis por uma maior intensidade vocal que auxilia no desenvolvimento de um maior alcance da voz, de acordo com a necessidade do sujeito em seus diferentes contextos sociais;

- (9) *Técnicas de acentuação (modulação de altura e intensidade)*: são variações de tom, de intensidade, de duração e de velocidade de fala na emissão de determinados enunciados que o falante deseja ou necessita enfatizar em seu discurso, dependendo do contexto da comunicação e das suas intenções. Essas técnicas visam à reunião de condições mínimas para se obter uma plasticidade vocal saudável e satisfatória;
- (10) *Técnicas de flexibilidade vocal*: estas técnicas auxiliam na expressividade vocal por meio do jogo dinâmico realizado com o uso de diversos elementos prosódicos tais como: entonação, velocidade de fala, pausas, duração, intensidade, entre outros. A voz se torna mais agradável, o falante mais interessante revelando a exata intenção de seu discurso;
- (11) *Técnicas de emissões valorizadas*: são emissões produzidas com maior duração (alongamento da duração de uma sílaba) e/ou com maior ou menor intensidade vocal que as emissões habituais ou, ainda, emissões destacadas por pausas devidas ou fora do esperado. São utilizadas para modificar o sentido literal de uma palavra, para chamar a atenção para o que se vai dizer e para representar uma atitude do falante (ironia, autoridade, entre outras);
- (12) *Técnicas de aceleração ou desaceleração*: as ocorrências de maior ou menor velocidade de fala no discurso servem para se dar maior valor a algo que se diz;
- (13) *Técnicas de leitura oral de palavras, de enunciados e de textos*: a leitura em voz alta auxilia a coordenação fonorespiratória, a articulação e a flexibilidade vocal, uma vez que para as diferentes interpretações de um enunciado há a necessidade do uso satisfatório de diversos elementos prosódicos;
- (14) *Técnicas de treinamento auditivo*: visam ao desenvolvimento da discriminação auditiva de parâmetros vocais específicos utilizados na construção do discurso;
- (15) *Técnica de imitação de personagens*: visam a uma maior flexibilidade vocal, uma vez que há a necessidade do uso de vários

elementos prosódicos, dentre eles, principalmente a entonação para a caracterização das atitudes de um personagem.

Técnicas vocais e recursos retóricos na construção do discurso

Como vimos, a voz, o seu uso e os efeitos que pode provocar nos ouvintes ocupa um lugar de destaque nos estudos da Retórica, principalmente, na proferição do discurso: a Ação (*hypocrisis*).

A esse respeito, ressaltamos com Reboul que:

A ação é o arremate do trabalho retórico, a proferição do discurso. É essencial, porque, sem ela, o discurso não atingiria o público. Sua função é acima de tudo fática [atrair pelo contato a atenção do interlocutor]. [...] A ação, que em grego é *hypocrisis*, antes de adquirir sentido pejorativo, significava a interpretação do adivinho, depois a interpretação do autor, a ação teatral. Assim como o hipócrita, o autor finge sentimentos que não tem, mas sabe disso, e seu público também. Assim também o orador: pode exprimir o que não sente, e sabe disso; mas não pode informar seu público, ou destruiria seu discurso. (1998, p. 68)

De acordo com esse autor, certas regras antigas são indispensáveis e permanecem, como a impositação da voz, o domínio da respiração, a variedade do tom e da elocução, regras sem as quais o discurso não passa.

Entretanto, além da importância fundamental da voz nesta fase do discurso, podemos observar também o valor de destaque que ela possui, pelo menos, em mais uma das fases que o compõem, na *Disposição*.

Conforme observamos, nas quatro partes da *Disposição*: *exórdio*, *narração*, *confirmação* e *peroração*, três principais argumentos (*Ethos*, *Pathos* e *Logos*) devem ser considerados e utilizados para que ocorra uma comunicação persuasiva. Vimos que o *Ethos* e o *Pathos* são de natureza afetiva, uma vez que manifestam o caráter moral do orador e o caráter psicológico dos diferentes públicos, aos quais o orador deve se adaptar. Desse modo, é possível comparar esses dois argumentos à voz, pois, com ela, também podemos manifestar o nosso caráter e as nossas disposições psicológicas. Para tanto, quanto mais a conhecermos e pudermos mantê-la saudável, melhores chances teremos de usá-la de modo satisfatório.

A atuação fonoaudiológica estética realizada com profissionais da voz falada é uma oportunidade destinada a esse conhecimento, pois, o fonoaudiólogo pode recorrer ao uso de diversas técnicas vocais, vistas como recursos retóricos, ou seja, como opções de uso, seletividade ou supressão e como formas construti-

vas que tornam o discurso eficaz ou específico, para trabalhar e aperfeiçoar a voz dessas pessoas que, geralmente, necessitam atingir, com os seus discursos, determinados públicos como, por exemplo, um locutor radialista na locução de um comercial, de uma notícia ou de qualquer outro gênero discursivo do rádio.

Especificamente, com relação ao trabalho do locutor radialista, Corrêa (2002) apresenta considerações significativas sobre algumas visões da Linguística Moderna para estudantes e profissionais da Comunicação Social, destaca alguns recursos de que o jornalista e o radialista podem lançar mão para construir um efeito de verdade para o que é dito e ressalta a importância da qualidade da voz na locução radiofônica como *um dos mais poderosos recursos de veridicção do texto radiofônico*. (CORRÊA, 2002, p.90-91). De fato, anteriormente, pudemos observar a importância da voz e da sua relação com a escrita no rádio, quando constatamos o uso frequente de diversos elementos prosódicos como pausas, contornos entonacionais, alongamentos vocálicos, entre outros nas locuções realizadas em emissoras de rádio AM e FM, que constituíram uma parte do *corpus* de minha dissertação de mestrado por ele orientada (PEDROSO, 2002).

Ainda com relação aos recursos vocais nas locuções, vale conferir a pesquisa de Medrado (2002). Nesse estudo, a autora realiza uma interessante análise perceptivo-auditiva e acústica de recursos vocais utilizados na locução publicitária.

Considerações finais

Nos relacionamentos humanos, a voz possui um papel fundamental na constituição do sujeito e na construção dos seus discursos. Como vimos, o discurso não é apenas aquilo que manifesta as lutas ou os sistemas de dominação, é, sobretudo, aquilo que *é objeto do desejo* entre os homens. Desse modo, desde a antiguidade e até os nossos dias, os estudos da Retórica e da Oratória proporcionam conhecimentos bastante úteis e interessantes a todos que desejam ou que necessitam falar bem a determinados tipos de auditórios.

Em nosso tempo, a Fonoaudiologia pode e tem enriquecido o seu campo de estudo e de atuação no trabalho de Estética Vocal realizado com profissionais da voz falada, já que por meio do conhecimento linguístico-discursivo e da utilização de técnicas vocais apropriadas é possível aperfeiçoar a qualidade vocal do profissional interessado neste processo de aprendizagem.

De acordo com o que foi proposto neste trabalho, foram demonstradas as importâncias da voz e da prosódia na organização do discurso, o modo como a prosódia está intimamente ligada aos sentidos que o falante deseja sinalizar aos seus interlocutores e a possibilidade do uso de diversas técnicas vocais (muitas delas, constituídas por um ou mais elementos prosódicos) como recursos estratégicos e persuasivos (retóricos) na construção do discurso de pessoas que utilizam a voz como a sua principal ferramenta de trabalho.

Finalmente, vale ressaltar que não são as técnicas propriamente ditas, nem a quantidade de técnicas para se desenvolver com as pessoas que importa, mas, sim, a relação fonoaudiólogo/cliente/linguagem estabelecida durante esse processo. Para tanto, é necessário que o fonoaudiólogo também se torne um aprendiz, constantemente buscando conhecimentos, vivenciando e incorporando em seus trabalhos usos interessantes das técnicas mais pertinentes a cada caso, adaptando-as em função das condições, das necessidades e dos contextos sociais em que os sujeitos estiverem inseridos. Desse modo, os sentidos e a eficácia dessa aprendizagem estarão constitutivamente vinculados à relação dialógica entre sujeito/linguagem.

Agradecimentos: Registro os meus agradecimentos ao Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e à Prof^a Dr^a Léslie Piccolotto Ferreira por iluminarem a minha paixão pela escrita e pela voz. Agradeço ainda a todos que auxiliaram na realização desse artigo.

PEDROSO, Maria Ignez de Lima. The use of vocal techniques as rhetoric resources in the construction of discourse. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 139-161, 2008.

ABSTRACT: *Vocal techniques are a set of facilitating procedures of the voice that can interfere in the vocal quality of the individual. Up-to-date knowledge about these procedures, through linguistic-discursive study is vital when working in Esthetic Speech Therapy, the scope of which can include oratory. These factors motivated me, first of all, to carry out a bibliographical survey about vocal techniques for the several professionals of spoken and sung voice, a study which enabled the organization of a collectanea of the main techniques researched. Taking this research as a starting-point, my proposal, in this paper, is to present a reflection and discussion focused on the use of techniques, mainly related to the harmonic action of phonetic conduct, which are based on the following aspects: relaxation, breathing, articulation, projection, vocal flexibility. In this discussion, I highlight the importance of voice and of various linguistic components of vocal dynamics (voice frequency, intensity, intonation, rhythm and speed, among other prosodic elements) that in the argumentative*

dialogic processes of oratory act as resources of persuasion and truthfulness in the discourse construction of several spoken voice professionals, such as lawyers, teachers, priests, salespeople, radio announcers and reporters, among others.

KEYWORDS: *Discourse. Rhetoric. Verbal Interaction. Prosody. Vocal Techniques. Professional Voice.*

Referências

ABERCROMBIE, D. **Elements of general phonetics**. Edimburgh: Edimburgh University Press, 1967. p. 91-110.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Clássicos Garnier/Difusão Européia do Livro, 1964.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEHLAU, M. PONTES, P. **Higiene vocal: cuidando da voz**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

_____. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Lovise, 1995.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992a. p. 40-64.

_____. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.23, p. 137-151, 1992b.

CORRÊA, M. L. G. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.

FERREIRA, L. P. (Org.). **Voz profissional: o profissional da voz**. Carapicuíba: Pró-Fono Departamento Editorial, 1995.

_____; SOUZA, T. M.T. Um século de cuidados com a voz profissional falada: a contribuição da fonoaudiologia. In: COSTA, H. O.; FERREIRA, L. P. **Voz ativa: falando sobre o profissional da voz**. São Paulo: Roca, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GONÇALVES, N. **A importância de falar bem**: a expressividade do corpo, da fala e da voz valorizando a comunicação verbal. São Paulo: Lovise, 2000.

LOPES, V. **Oratória e Fonoaudiologia Estética**. Carapicuíba: Pró-Fono, 2000.

MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre a natureza fonética do acento em Português. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v.9, p. 195-216, 1993.

MEDRADO, R. B. **Locução publicitária**: análise perceptivo-auditiva e acústica de recursos vocais. 2002. 100 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - PUC, São Paulo, 2002.

PEDROSO, M. I. L. Técnicas vocais para os profissionais da voz. In: COSTA, H. O.; FERREIRA, L. P. **Voz ativa**: falando sobre o profissional da voz. São Paulo: Roca, 2000. p. 119-136.

_____. **A relação fala/escrita do texto radiofônico**. 2002. 188 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2002.

PERELMAN, C. **O império retórico**: retórica e argumentação. Porto: Edições ASA/Divisão Gráfica, 1993.

REBOUL, O. O sistema retórico. In: **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 43-69.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2002.

